



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8673058>

DOI: 10.20396/remate.v43i1.8673058

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2023 by UNICAMP/IEL. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

**MACHADO DE ASSIS,
AUTOR DE ROMANCES (1872-1873)**

**MACHADO DE ASSIS,
AUTHOR OF NOVELS (1872-1873)**

Lucia Granja¹

Resumo: Este artigo integra um projeto maior que se define como a história editorial da consagração de Machado de Assis. Ele toma como ponto de partida a dedicação do escritor à prosa de ficção a partir de meados anos 1860, assim como algumas ideias de Machado de Assis sobre o romance, à mesma época. Assunto já explorado pelos estudiosos do autor, o que se pretende demonstrar com originalidade é que, ao lado das escolhas críticas e estéticas machadianas, o desejo de adotar, no romance, uma perspectiva urbana e de estudo de caracteres é uma ação paralela ao conhecimento machadiano das práticas editoriais, notadamente no contato com o principal editor no Brasil da época (B.-L. Garnier), as quais reverberavam ações transnacionais. A ideia da “formação do romancista” incide sobre a busca de uma identidade como autor de ficção e também sobre a busca de espaço para uma ficção que lhe propicie circulação internacional, embora, de nosso ponto de vista contemporâneo, saibamos que essas tentativas foram malogradas. Nessa via de reflexão, e por meio da análise de documentos, evocam-se as relações ativas e atuantes entre Machado de Assis e Baptiste-Louis Garnier, sobretudo nos anos 1860-1870, como um dos acessos ao espaço de consagração progressivamente ocupado pelo escritor, apesar das tensões com seu principal editor. Nesse caso, Machado de Assis é estudado como ator no processo de inflexão editorial que trouxe consequências literárias à sua carreira, à medida que ele vinha atuando, até então, como crítico, dramaturgo, poeta e cronista (anos 1850 e 1860).

Palavras-chave: Machado de Assis; autoria; ficção.

Abstract: This article integrates a larger project that can be defined as the editorial history of Machado de Assis' consecration. It takes as its starting point the writer's dedication to prose fiction from the mid-1860s onwards, as well as some of Machado de Assis' critical

¹ Departamento de Estudos Literários, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp: <lgranja@unicamp.br>.

ideas about the novel at the same time. A subject already explored by critics, what we intend to demonstrate with originality is that, alongside Machado's critical and aesthetic choices, his desire to adopt, in the novel, an urban perspective and character study, is an action parallel to his knowledge of editorial and publishing practices, notably from his contact with the main publisher in Brazil at the time (B.-L. Garnier), which reverberated transnational actions. The idea of the "formation of the novelist" focuses on the search for an identity as a fiction author and on the search for space for a fiction that could provide him with international circulation, although, from our contemporary point of view, we know that these attempts were unsuccessful. In this way of reflection, and through the analysis of documents, we evoke the active relations between Machado de Assis and Baptiste-Louis Garnier, especially in the years 1860-1870, as one of the accesses to the space of consecration progressively occupied by the writer, despite the tensions with his main editor. In this case, Machado de Assis is studied as an actor in the editorial inflection process that brought literary consequences to his career, as he had been working, until then, as a critic, playwright, poet and chronicler (1850s and 1860s).

Keywords: Machado de Assis; authorship; fiction.

Na história editorial da consagração de Machado de Assis, o estudo de suas relações com Baptiste-Louis Garnier, sobretudo nos anos 1860-1870, tem demonstrado de que maneira o escritor foi atuante na preparação de seus textos a serem publicados (nos jornais, por exemplo) e de seus livros. Esse viés editorial da construção do autor de romances, participou do espaço de consagração progressivamente ocupado pelo escritor, paralelamente às tensões com seu principal editor. Nessa perspectiva, a prosa de ficção machadiana (contos, nos anos 1860, e romances, a partir de 1872), ou a autoria de Machado de Assis como ficcionista, aparecem aqui como uma decisão editorial, além de estética, a qual ocorreu no bojo das ações de Garnier, sendo o próprio escritor um ator nesse processo de inflexão editorial, o que trouxe consequências literárias à sua carreira, uma vez que ele vinha atuando, até então, como crítico, dramaturgo, poeta e cronista (anos 1850 e 1860).

A ideia geral por detrás dessa proposição é que, na construção da autoria de Machado de Assis como ficcionista, estaria compreendido o fato de o escritor ter sido uma espécie de editor² de sua obra, como várias

2 Por ser este trabalho parte de um projeto mais amplo, retomo, nesta nota, algumas explicações e referências a trabalhos, feitas em um capítulo de livro que será publicado no decorrer de 2023. A ideia envolvida na palavra "editor", referindo-se a Machado de Assis, compreende duas de suas acepções: aquele que prepara uma obra para publicação; aquele que efetivamente publica uma obra. Machado de Assis – contanto que não se descarte a possibilidade de ele ter, por seus próprios meios, publicado algumas de suas obras, o que é discutido por nossas pesquisas em andamento – teria funcionado como um estrategista da preparação para publicação de seus livros, junto a editoras nacionais e também buscando caminhos internacionais. Além disso, ele certamente atuou na montagem

pesquisas recentes têm apontado.³ No entanto, para além da aventura da edição, é preciso reconhecer, nos primeiros decênios da trajetória machadiana, que a configuração da autoria em Machado de Assis inclui o deslizamento de gêneros clássicos (como o teatro e a poesia) para a prosa de ficção, guardando sempre a atuação jornalística (crônicas e crítica), inclusive na configuração de sua ficção. Como já disse Silviano Santiago (2010, p. 432), em 1969, a partir das *Falenas* (1870), o escritor iria abandonar “a poesia, como já havia abandonado o teatro, e se dedica[r] com maior exclusividade à prosa de ficção”.

Baptiste-Louis Garnier foi editor-proprietário do *Jornal das Famílias* desde o início até 1876. Entretanto, a partir do número I do ano XV em que ele circulou, ou seja, de janeiro de 1877, a capa da “publicação ilustrada, recreativa, artística etc.” (p. 1) passou a estampar o nome de E. Belhatte (Germain Eugène Belhatte) como coeditor do projeto de Garnier, parceria editorial que vinha se fortalecendo também no suporte “livro”, nos anos 1870. Para publicar, por exemplo, as *Falenas* e os *Contos fluminenses* de Machado de Assis, em 1870, B.-L. Garnier já estabelecera coedições com Belhatte. No contexto evocado por Silviano Santiago, como mencionado

(por meio de negociações para autorização de republicação, escolha de textos, confecção de paratextos etc.) e na revisão de suas obras. Mostram-no, no primeiro caso, pesquisas recentes (GRANJA, 2020a; AGUILAR, 2019); no segundo caso, há inúmeros exemplos na correspondência de Machado de Assis, e mesmo anedotas célebres, como a expressão publicada na “Advertência” da segunda edição das *Poesias completas* (1902), que causou desespero ao autor: “lhe cegara o juízo” acabou sendo publicada como “lhe cagara o juízo”. O primeiro lote da referida edição foi corrigido à mão pelo próprio Machado de Assis e por funcionários da Livraria e Editora de Hippolyte Garnier, no Rio de Janeiro. Observe-se que, em 1901, já era o irmão francês, herdeiro de Baptiste-Louis Garnier, o editor de Machado de Assis (GRANJA, 2018a).

3 Novamente, por ser este trabalho parte de um projeto mais amplo, retomo, nesta nota, algumas referências a trabalhos feitos em um capítulo de livro que será publicado no decorrer de 2023. Pesquisas recentes têm apontado que as relações entre Machado de Assis e o fazer editorial são mais amplos do que críticos literários e historiadores puderam conhecer até há poucos anos. Nesse caso, Machado teria sido editor do suplemento literário da revista *A Estação*, onde publicou inúmeros textos, inclusive a primeira versão de *Quincas Borba* e a novela *O alienista* (TEIXEIRA, 2010b). Já no argumento do trabalho de Gonçalves (2015), Machado de Assis teria sido o editor de suas *Poesias completas*, que organizou em 1901, reunindo os livros *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875) – acrescentando também um novo conjunto, intitulado *Ocidentais*. Além disso, ao longo de sua trajetória, como têm apontado outros trabalhos, Machado atuou na montagem e na revisão de suas obras, por meio de negociações para autorização de republicação, escolha de textos, confecção de paratextos etc. Mostram-no, no primeiro caso, pesquisas recentes (GRANJA, 2020a; AGUILAR, 2019; SALLA; SALGADO, 2020). No que toca à revisão de seus textos, há inúmeros exemplos na correspondência de Machado de Assis.

anteriormente, Machado de Assis tornara-se, a partir de 1864, o principal ficcionista – produtor de narrativas curtas ou médias – do *Jornal das Famílias* (1863-1878), um periódico mensal que circulou durante quinze anos por várias províncias brasileiras e por pelo menos outros dois países, Portugal e França. Era impresso em Paris e voltava ao Rio de Janeiro, de onde era distribuído por todo o Brasil. Com o tempo, passou a circular também em Lisboa, Braga e no Porto, distribuição que aponta na direção de uma tentativa de inserção da produção de Garnier (e de seus autores) em Portugal, ou seja, uma iniciativa que em princípio abriria um espaço privilegiado para um ficcionista no periódico. No caso de Machado, sabemos, de nosso ponto de vista contemporâneo, que essas expectativas foram malogradas (GUIMARÃES, 2012; GRANJA, 2018).

1869 foi um ano importante para Machado de Assis. Cheio de compromissos na imprensa e recém-casado, a época correspondeu a uma abertura no espectro de sua produção literária em “livro”, afirmando-se como ficcionista. O periódico *Bibliographie de la France – Journal Général de l’Imprimerie et de la Librairie* confirma, no ano mencionado, a composição e impressão das *Falenas* e dos *Contos fluminenses* de Machado de Assis, em Paris, sendo E. Belhatte o editor responsável, como mostram as considerações e as imagens a seguir:

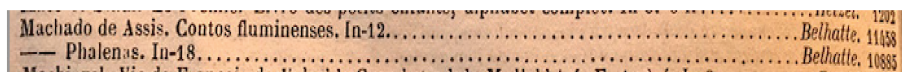


Figura 1: trecho do sumário da *Bibliographie de la France*.
Fonte: *Bibliographie de la France. Journal Général de l’Imprimerie et de la Librairie* (1869, p. 736).

Na explicação inicial do sumário em ordem alfabética da *Bibliographie*, lemos: “Os nomes que precedem os números [colocados no final de cada linha] dão a conhecer, a saber: em caracteres itálicos, o livreiro-editor” (BIBLIOGRAPHIE, 1869, p. 649).⁴ No caso acima – portanto na França –, Eugène Belhatte era editor de Machado de Assis, em coedição com B.-L. Garnier, no Rio de Janeiro, e sem a participação dos Garnier Frères de Paris no negócio da edição brasileira (GRANJA, 2018). Já nesta outra imagem abaixo, como mostram as notícias indicadas pelos números de entrada, ao final da linha descritiva, a tipografia escolhida para a impressão foi a

4 [...] Les noms qui précèdent les numéros [placés à la fin de chaque ligne] font connaître, savoir: ceux en caractères italiques, le libraire-éditeur”. Todas as traduções de citação em língua estrangeira são nossas.

Edouard Lainé, tendo sido os contos selecionados a partir do *Jornal das Famílias*, editados em formato In-12, em um volume de 375 páginas:

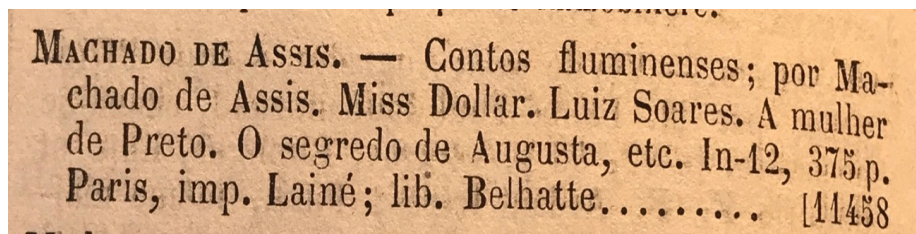


Figura 1: entrada “Machado de Assis – *Contos Fluminenses*”, na *Bibliographie de la France*.

Fonte: *Bibliographie de la France. Journal Général de l’Imprimerie et de la Librairie* (1869, p. 614).

Os sete contos escolhidos a partir do *Jornal das Famílias* ocupam 375 páginas porque o formato In-12 aponta para uma edição pequena, que se destinava a atingir públicos diversificados, mas composta com margem larga, o que garantiria uma leitura agradável. Esses aspectos materiais ilustram o que a composição e a publicação das edições de B.-L. Garnier em Paris mostram: ao longo dos anos 1860, ao lado da produção de outros, como José de Alencar,⁵ a ficção de Machado de Assis começava a integrar os projetos editoriais de Baptiste-Louis. Nascia e configurava-se, portanto, nos planos editoriais de Garnier, Machado de Assis como autor de ficção.

5 Novamente, por ser este trabalho parte de um projeto mais amplo, retomo, nesta nota, algumas explicações já dadas em um artigo publicado anteriormente: desde 1862, B.-L. Garnier vinha investindo na publicação da obra de José de Alencar e dos textos de outros brasileiros na França. Em 1864, vieram daquele país, publicadas em português, pelo menos duas edições de *O Guarani*, *Diva*, *O demônio familiar* e *Verso e reverso*, de José de Alencar. No mesmo ano, aqui no Brasil, Jules-Henri Gueffier foi contratado como empregado exclusivo da Garnier brasileira, devendo prestar serviços de impressor, representante junto às livrarias e, quando necessário, atuar como tradutor, tudo isso em Paris, por dez anos (GRANJA, 2013 e 2018a). O fato de esse profissional atuar junto ao meio editorial francês melhorava a qualidade da composição dos textos em português, como aponta Machado de Assis, por exemplo, como cronista e crítico literário no *Diário do Rio de Janeiro*: “A casa Garnier acaba de receber de Paris os exemplares de uma edição que mandou fazer da comédia do Sr. Conselheiro J. de Alencar – *O demônio familiar*. [...] A casa Garnier vai abrindo deste modo a esfera das publicações literárias e animando os esforços dos escritores. É justo confessar que as suas primeiras edições não vinham expurgadas de erros, e era esse um argumento contra as impressões feitas em Paris. Agora esse inconveniente desapareceu; acha-se em Paris, à testa da revisão das obras portuguesas por conta da casa Garnier, um dos melhores revisores que a nossa imprensa diária tem possuído. Já as últimas edições têm revelado um grande melhoramento” (ASSIS, 1864, p. 1).

Nesse processo de se tornar contista e romancista, até hoje são considerados menores (com raras exceções) os contos machadianos dos anos 1860 e os publicados no *Jornal das Famílias* em geral. No entanto, o estudo dos caminhos editoriais desses textos esclarece alguns passos concretos da configuração desse aspecto autoral de uma obra diversificada. Além de escrever literatura (poesia, teatro, ficção), crônicas e crítica literária, Machado de Assis fazia as vezes de preparador de sua própria ficção (o *editor*, na língua inglesa). Alinhado aos projetos de Garnier, a partir de 1869, ele começou a recolher os contos do *Jornal das Famílias* em antologias, garantindo, nessa passagem do suporte efêmero ao duradouro, algo que o distinguia de alguns de seus contemporâneos em nível internacional.

Por uma análise comparativa de contratos assinados por duas duplas de editores/escritores (Pierre-Jules Hetzel e Jules Verne; Baptiste-Louis Garnier e Machado de Assis), ambos os documentos produzidos na mesma época, na França e no Brasil respectivamente, confirmou-se, observando as práticas desses editores, a circulação de métodos para a produção de conteúdos literários e para a ampliação das formas de circulação dos textos de ficção, primeiramente nos periódicos e depois nos livros. No entanto, Machado de Assis, destacava-se em relação a Jules Verne porque um contrato de 1869 mostra como não era mais o editor Garnier (ou, em nome dele, os Homens de Letras que o auxiliavam) quem escolhia, entre os contos extraídos do *Jornal das Famílias*, aqueles que integrariam as *Histórias da meia-noite*, de 1873 (GRANJA, 2020a) – o que não acontecia em relação à dupla francesa –, e atesta, para o escritor brasileiro, uma posição de maior poder junto a seu editor, situando-o no controle editorial de sua obra.

Esse mesmo contrato mostra que Machado de Assis passara da venda da “propriedade plena e inteira da primeira edição e das demais” – como se lê também nos instrumentos legais pelos quais deu a publicar as suas *Crisálidas* (contrato de 26 de julho de 1864, no *Catálogo da Exposição Machado de Assis*, de 1939, p. 177), bem como as suas *Falenas* e os *Contos fluminenses* (contrato de 11 de maio de 1869, no *Catálogo da Exposição Machado de Assis*, de 1939, p. 177) – ao mesmo tipo de propriedade plena e inteira de todas as edições das *Histórias da meia-noite* e de *Ressurreição* (assim como de *O manuscrito do licenciado Gaspar*, cuja existência, até agora, a crítica machadiana desconhece), mas, a partir de setembro de 1869, recebendo proporcionalmente o mesmo valor por possíveis

reimpressões, ou seja, um terço a mais do valor contratado por cada obra, no caso de reimpressão:

Entre os abaixo assinados, Joaquim Maria Machado de Assis, autor, e B. L. Garnier, editor, foi convencionado e contratado o seguinte:

1º

Joaquim Maria Machado de Assis vende a B. L. Garnier a propriedade plena e inteira não só primeira edição como todas as seguintes das suas três obras “Ressurreição”, “O Manuscrito do Licenciador Gaspar” e “Histórias da Meia-Noite” pela quantia de quatrocentos mil reis (Rs 400\$000) *por cada edição* que fizer dessas três obras.

2º

Se uma ou outra edição destas obras esgotar-se antes das outras o editor terá o direito de a mandar reimprimir, pagando ao autor a terceira parte da quantia acima mencionada no artigo 1º.

3º

O pagamento da primeira edição destas três obras será feito no ato de assinar o presente contrato e das outras no dia em que cada uma for exposta a venda.

4º

O autor entregará ao editor o manuscrito de “Ressurreição” até meados de novembro do corrente ano e “O Manuscrito do Licenciado Gaspar” até meados de março de 1870 e o das “Histórias da Meia-Noite” até o fim do ano de 1870.

5º

Em fé do que passarão as partes dois contratos de igual teor por cujo cumprimento se obrigarão por si seus bens e seus herdeiros e sucessores, cujos contratos entre si trocarão depois de assinados.

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1869.
(CATÁLOGO, 1839, p. 178, grifos nossos).

Havia, então, como já observaram em 1998 Lajolo e Zilberman (2011), uma progressão nesses contratos, com algum ganho para Machado de Assis. Mas interessa-nos aqui, mais uma vez, a atenção especial que votava o próprio escritor ao controle editorial e da circulação de sua obra. Ademais, havia, pelas mãos desse escritor-editor, a criação da possibilidade de publicar no jornal e passar ao livro: se os romances *A mão e a luva* (1874) e *Helena* (1876) saíram ambos em forma de publicação seriada em *O Globo*, o texto de 1876 não foi impresso em volume pela própria tipografia do jornal, mas impresso por Machado e vendido a Garnier, que se tornaria responsável pelo selo editorial aplicado ao romance e por suas vendas/distribuição. No contrato de 29 de abril de 1876, lê-se que “Joaquim Maria Machado de Assis vende a B. L. Garnier a primeira edição que *vai* mandar imprimir na Tipografia do *Globo*” e que esse mesmo escritor, funcionando como editor de seu livro, “não poderá reimprimir [...] o romance *Helena do Valle* salvo se comprar primeiro ao editor todos os exemplares que ficarem

em ser (Sic) ao preço de venda para o público” (CONTRATO, ano 1876, p. 1, grifo nosso).

Essa ação editorial de Machado de Assis deve-se certamente a diversos fatores,⁶ mas, com a publicação do romance no jornal e a possibilidade do livro pelo selo Garnier, a ficção machadiana ensaiava novamente caminhos europeus: a atrativa coedição entre B.-L. Garnier, no Rio, e Ernest Chardon, no Porto, acrescentava valor simbólico ao romance e à autoria dele, pois, além da coedição e de possíveis caminhos para a circulação em Portugal, o volume integraria a coleção “Bibliotheca Universal romance, viagens, política e poesias”, partilhada entre os dois editores, como mostram os catálogos de Chardon (QUEIROZ, 2016).

Voltando ao instrumento legal de setembro de 1869 (pelo qual vendia a Garnier *Ressurreição* e *Histórias da meia-noite*), Machado de Assis unia seu desejo de escritor aos projetos de expansão editorial de B.-L. Garnier em direção ao mercado do português na Europa. Ele passava a ser, aos poucos, além de autor de contos de efêmera permanência no *Jornal das Famílias*, um autor de narrativas de ficção mais extensas do que as que vinha publicando até então, quer diretamente, na forma livro (*Ressurreição*, 1872), quer em versão seriada nos periódicos e, logo em seguida, versão publicada em livro (*A mão e a luva*, de 1872; *Helena*, de 1876; *Iaiá Garcia*, de 1878; *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de 1881; e *Quincas Borba*, parcialmente em *A estação*, logo publicado em livro em 1891).

Como os estudiosos insistentemente têm mostrado, o crítico Machado de Assis, também no início dos anos 1870, evidenciava que o “assunto local” não deveria ser considerado tema único das obras em que se valorizava o “espírito nacional”.

[...] os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo.

[...] Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam

6 Quintino Bocaiuva era sócio de O *Globo* na época e afirma, em carta a Salvador de Mendonça, que o jornal atravessava dificuldades financeiras. Além de ter trabalhado com essa correspondência manuscrita na Sessão de Manuscritos Biblioteca Nacional (RJ), ouvi Gabriela Nery (doutoranda do IFCH-Unicamp, sob orientação de Rodrigo de Camargo Godoi) mencionar o documento em seu trabalho “As empresas jornalísticas nas bases da profissionalização dos trabalhadores da imprensa: repórteres e jornalistas na virada do século”, no II Seminário do grupo de pesquisa CNPq “Da Autoria Literária: História, Atualidade, Perspectivas”, realizado na USP em 23 e 24 de setembro de 2022.

de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura (ASSIS, 2013, pp. 431-432).

Para expandir “os cabedais da nossa literatura”, “os costumes civilizados, [...] igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo”. Em termos estéticos, temos aí a divulgação de um programa, à medida que o esforço do contista de há alguns anos passava a definir a atuação do romancista nascente. Dessa forma, a temática, aquela que ele declararia, na advertência de *Ressurreição*,⁷ estar iniciando, já fazia parte de seu rol de entrechos e de análise dos caracteres no *Jornal das Famílias* (a vida social da classe abastada em sociedade, seus amores, ou mesmo alguns negócios e viagens). No caminho da performance autoral do romancista, estivera o periódico de propriedade de B.-L. Garnier, onde apareceriam, desde 1864, em quadros imaginados a partir das sociabilidades da Corte carioca de meados dos Oitocentos, os dilemas morais e éticos enfrentados pelos personagens e analisados por meio das várias formas de narrativa experimentadas por esses contos (cartas trocadas entre os personagens, comentários do narrador, longos diálogos reveladores etc.). Como exemplo, temos um conquistador aproveitador e uma mulher aflita, tal e qual na relação entre Emílio e a viúva Eugênia em “Confissões de uma viúva moça”, publicado no *Jornal das Famílias*, em abril-junho de 1865; temos ainda, narcisistas e frágeis de corpo ou espírito (como na evidência dos “defeitos morais” de Pedro, no triângulo com a viúva Maria Luíza e a ingênua Sara em “Questão de vaidade”, *Jornal das Famílias*, de dezembro de 1864 a março de 1865), entre muitos outros esquemas para os entrechos e formas de contá-los. Olhando para a interação entre moças casadoiras, mulheres casadas entediadas e viúvas libertas de certas amarras do patriarcalismo e alguns cavalheiros aproveitadores, o autor estreitava o foco da busca da identidade autoral do ficcionista. Mas, no caso de *Ressurreição*, por exemplo, isso se tornaria, após tantos contos, um efeito de concentração, como veremos.

Os projetos de B. L. Garnier investiam nesse ficcionista que crescia, paralelamente a outros mais experimentados, como José de Alencar, ou a escritores também novos na prosa de ficção, como Bernardo Guimarães. Sem que esse processo fosse exclusividade para Machado de Assis, o editor

7 Como se sabe, no prólogo desse romance, que é assinado por “M.A.”, esse autor declarado do romance diz à “sisuda crítica” que lhe apresenta “um ensaio em gênero novo para mim”, no qual “não quis fazer romance de costumes; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dois caracteres” (ASSIS, 2008, v. 1, p. 236).

fazia-o publicar em Paris, ainda que em português, e, paralelamente à ficção, também um livro de poesia (as *Falenas*, mesmo editor e tipógrafo dos *Contos fluminenses*, mas neste caso in-18 Jésum, formato mais popular).

Temos, portanto, na fala do crítico Machado de Assis, além de um projeto estético, também um projeto editorial, o qual ele apoiava e, inclusive, do qual participava. No já mencionado contrato de 30 de setembro de 1869, em que organiza sua coletânea *Contos fluminenses*, ele assumira, como vimos, o compromisso de publicar mais ficção, sendo dois romances e um livro de contos: “O autor entregará ao editor manuscrito de ‘Ressurreição’ até meados de novembro do corrente ano, o de ‘O manuscrito do licenciado Gaspar’ até meados de março de 1870 [...], e o de ‘Histórias da meia-noite’ até o fim de 1870” (CATÁLOGO, 1839, pp. 178-181).

Como lembrou Hélio Guimarães (1994, p. 125), “Machado de Assis começa a sua carreira de romancista com um projeto antirromântico no momento em que o gosto pela literatura sentimental imaginosa domina o ambiente literário brasileiro”. Na perspectiva que adotamos, esse antirromantismo era complementar ao “*geral desejo* de criar uma literatura mais independente” (ASSIS, 2013, p. 430, grifo nosso), ou seja, uma literatura urbana e de estudos de caracteres, sobre a qual pesava o *real desejo* de espaço para uma ficção que propiciasse circulação internacional, via Garnier e Chardron, por exemplo, mas também a busca de uma identidade como autor de ficção: nem o exótico, nem os costumes regionais que, brilhante e ingenuamente, pintaram Bernardo Guimarães e Taunay, ou os costumes civilizados como os apresentaram Alencar e Macedo. Silviano Santiago, em “Jano Janeiro”, originalmente saído em 1969,⁸ no suplemento literário de *O Estado de São Paulo*, observou pioneiramente que, em Machado, a análise psicológica superava os costumes:

[...] os leitores menos patrióticos do célebre artigo “Instinto de nacionalidade” publicado em março de 1873, não deixaram de ter percebido os constantes paralelos tendenciosos que Machado de Assis estabelece entre o romance de costumes e o de análise psicológica e a nítida preferência do jovem romancista-crítico pela última corrente por julgá-la superior. A análise de paixões e de caracteres “é, na verdade, uma das partes mais difíceis do romance, e ao mesmo tempo das mais superiores” – conclui ele. No ano anterior, Machado de Assis publica seu primeiro romance, *Ressurreição*, e numa advertência ao leitor confessa o propósito de não escrever romance de costumes e acrescenta que pretende esboçar o “contraste de dous caracteres” [...]. Nada mais natural: o projeto crítico e o criador se encaixam admiravelmente (SANTIGO, 2005, p. 431).

8 O ensaio foi republicado em 2005, pela *Teresa*, Revista de Literatura Brasileira, vols. 6 e 7.

Ainda segundo Santiago, “Machado de Assis preferiu se enquadrar dentro de certa linha do romance francês, o chamado ‘roman d’analyse’, cujo marco inicial se considera *La Princesse de Clèves* e cujos expoentes próximos de Machado seriam *Adolphe* e *Armance*” (SANTIGO, 2005, p. 431).

Em *Ressurreição* (1872) e logo mais em “Instinto de Nacionalidade” (1873), o crítico e ficcionista Machado de Assis busca a afirmação de uma identidade autoral para o romance brasileiro, que o distinguiria dos outros ficcionistas, sobretudo de José de Alencar, que vinha sendo, desde 1862, o grande investimento do editor Garnier. O escritor cearense publicou, por exemplo, *O Guarani*, a partir da segunda edição em livro (de 1864), e, com exceção de *Iracema* (1865), todos os seus romances pela B. L. Garnier: *Diva* de 1864; *As minas de prata*, como obra completa (1865-1866), uma vez que o primeiro volume tinha saído pela Tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*, na coleção Biblioteca Brasileira, dirigida por Quintino Bocaiuva; *O gaúcho*, de 1870; *A pata da gazela*, de 1870, *O tronco do ipê*, de 1871; *A guerra dos mascates*, de 1871; *Til e Sonhos d’ouro*, de 1872; *Alfarrábios*, de 1873; *Ubirajara*, de 1874; *O sertanejo*, de 1875; *Senhora*, de 1875, e inclusive a peça *O jesuíta*, do mesmo ano. Antes, como Machado começava a fazer com seus romances, nos anos 1870, Alencar publicara *A viuvinha* e *Cinco minutos* pela Tipografia do Correio Mercantil e, pela Tipografia do *Diário*, a primeira edição do *Guarani*, bem como, pela tipografia francesa de Frederico Arfevdson, em 1862, a primeira edição de *Lucíola*. Como os dados da pesquisa sobre Machado de Assis têm demonstrado (GRANJA, 2023), essas publicações de ficção seriada em livro, por meio de tipografias, eram arranjos dos próprios escritores.

A Machado de Assis interessava, portanto, a perspectiva de desenvolver o romance de análise psicológica, ao qual importam menos as reviravoltas de entrecho do que a sutileza extraída de olhares interpessoais (entre as personagens ou dos narradores em relação às personagens); onde as trocas entre os homens em sociedade valem mais do que exuberância e exotismos naturais – escolha, aliás, como apontamos, já iniciada nos contos do *Jornal das Famílias*. Nada disso era novo, como tem demonstrado a crítica: Machado de Assis utilizou-se largamente da técnica de composição de caracteres à moda da reprodução satírica e moral de La Bruyère (BRAYNER, 1981, p. 12) ou de Teofrasto, onde tipos compostos são desenvolvidos a partir de uma falha moral (BRAYNER, 1981; TEIXEIRA, 2010a, pp. 69-70), tendo chegado, como demonstrou mais recentemente Teles (2018), à criação de personagens que são analisados de várias formas,

inclusive pelo exercício do gesto, além de triângulos amorosos e contrastes. Mas, em uma visada geral da obra, José Luiz Passos (2007) argumenta que os romances de Machado de Assis dedicam-se à análise da formação da pessoa moral, de modo que as ações das personagens desvelam suas motivações interiores, cerne desses romances. Em *Ressurreição*, por exemplo, o “tema do desengano amoroso arraigado no coração incrédulo” é romântico, mas “sua consecução era alentada por um espírito novo, pela tentativa de infundir verossimilhança moral, afastando-se da norma corrente, cuja ênfase recaía sobre as descrições do ambiente nacional e [sobre] enredos e fabulação fantasiosa” (PASSOS, 2007, p. 26).

No romance, o rapaz de “coração incrédulo”, é-nos assim apresentado o primeiro capítulo:

Do seu caráter e espírito melhor se conhecerá lendo estas páginas, e acompanhando o herói por entre as peripécias da singelíssima ação que empreendo narrar. Não se trata aqui de um caráter inteiriço, nem de um espírito lógico e igual a si mesmo; trata-se de um homem complexo, incoerente e caprichoso, em quem se reuniam opostos elementos, qualidades exclusivas, e defeitos inconciliáveis (ASSIS, 2008, v. 1, p. 237).

O narrador dá-nos, portanto, uma análise pronta da complexidade moral de “um homem”, Félix. Esse, por ser voluntarioso e caprichoso, tem um espírito que padece de “lógica”, de continuidade, de inteireza. Sua complexidade vem, assim, de uma série de defeitos morais que a narrativa confirma de várias maneiras, pelo olhar ou mesmo pela apresentação do narrador, mas também pela evidenciação das decisões arbitrárias da personagem Félix, ou mesmo pela sutileza do gesto. Como exemplo, um encontro entre Félix e o amigo Menezes esclarecem ao leitor, já no segundo capítulo, as “qualidades exclusivas” e os “defeitos inconciliáveis” do protagonista:

Na rua do Ouvidor [Felix] encontrou o Doutor Meneses, jovem advogado com quem entretinha relações.

– Vem jantar comigo – disse.

– Não jantas com Cecília?

– Acabei o capítulo; Cecília está livre.

– Houve choro?

– O choro pertence ao cerimonial da separação.

[...]

– Nem te arrufaste, nem tinhas desconfiança. Sei que ela gostava de ti, e tu mesmo me afirmaste que não era nenhuma desperdiçada. Havia portanto um milheiro de razões para que vocês prosseguissem neste romance. Dar-se-á que tenhas em vista algum casamento?

[...]

– Eu te digo – respondeu Félix –; os meus amores são todos semestrais; duram mais que as rosas, duram duas estações. Para o meu coração um ano é a eternidade. [...]

Meneses ouviu as palavras de Félix *com os olhos postos no chão*; sorriu ligeiramente quando ele acabou (ASSIS, 2008, v. 1, p. 242, grifos nossos).

Meneses, espantado, procura entender por que Felix deixara a moça Cecília. Diante da confirmação da arbitrariedade da decisão tomada (os declarados amores semestrais de Félix), não são as palavras, mas um gesto de Menezes o que mostra seu desapontamento. Visivelmente constrangido, ele escuta com “os olhos postos no chão” as explicações egóticas do amigo, o que culmina em um riso ligeiro que, no contexto, se pode traduzir como um riso doloroso, de constatação e de reprovação. Menezes continua:

– Queres ouvir uma cousa? – perguntou.

– Dize.

– O teu cinismo parece-me hipocrisia.

– Não é hipocrisia nem cinismo; é temperamento.

– Não creio.

– Por quê?

Meneses não respondeu.

– Quase me arrependo de ser teu amigo – disse ele depois de algum tempo.

– És meu amigo? – perguntou Félix com ar de mofa.

Meneses parou e encarou o companheiro.

– Duvidas? – disse.

– Não duvido; mas ignorava isso até agora; sabes que as nossas relações datam de pouco tempo.

– Que importa o tempo? Há amigos de oito dias e indiferentes de oito anos.

– Há.

A conversa tomou outra direção.

(ASSIS, 2008, v. 1, pp. 242-43).

A reprovação de Menezes a Félix por um aparente cinismo que reverbera hipocrisia, leva-o a duvidar da possibilidade dessa amizade entre os advogados. Mas, no longo diálogo travado entre as personagens nesse segundo capítulo, quanto mais Menezes evidencia, aos olhos de Félix e do leitor, os defeitos morais do primeiro, mais sarcásticas se tornam as palavras do moço caprichoso. No exemplo, diante da dúvida de Menezes sobre a possibilidade de amizade entre os rapazes, Felix afirma que nem mesmo sabia que eram amigos, haja vista as relações de pouco tempo. Outras vezes no romance, aliás, os diálogos entre as personagens (entre Félix e Livia, por exemplo) são ocasiões de expor as deformidades

do rapaz, a partir de palavras, gestos ou mesmo silêncios – “a conversa tomou outra direção” – de um outro que enxerga o rapaz vicioso, mesmo sem a intervenção explícita do narrador.

CONCLUSÃO

A intenção aqui não era a de analisar o romance *Ressurreição*. Evocaram-se algumas de suas características para demonstrar que os pretendidos “esboço de uma situação e contraste de dois caracteres” são entendidos como uma forma de, uma vez escolhido o romance de personagens, demarcar o caminho que seguiria a narrativa de ficção machadiana e, por meio dessa escolha, engendrar o possível interesse universal dessas histórias. Para mais um argumento literário, a própria “Advertência” à primeira edição do romance de 1872 evoca nada menos do que Shakespeare para justificar o tema da dúvida e da insegurança. Nesse sentido, como reconhece Passos, “*Ressurreição* explora, possivelmente pela primeira vez na ficção brasileira, o tema de uma consciência em desunião consigo, desunião causada pela sombra de eventos passados” (PASSOS, 2007, p. 37). O crítico prossegue, concluindo que a “falta moral”, punida pelo isolamento e pela ironia nas narrativas da primeira fase, passariam a dominar a composição do enredo e o caráter do narrador na ficção da dita segunda fase machadiana.

Em nosso artigo, essa busca de forma para o novo assunto urbano, desde os contos do *Jornal das Famílias*, além de construir identidade para a autoria do romancista, recupera literariamente a possibilidade de internacionalização de sua obra, sendo que alguns desses textos talvez um dia pudessem circular traduzidos, uma vez que, como se demonstrou, *materialmente*, já os escritos e livros de Machado em si, ainda que em português, circulavam pela França e por Portugal.

Há ainda muito mistério nesse processo de Machado de Assis, de no período entre 1872 e 1873, tornar-se romancista. Destacam-se aqui a associação entre funções de homem de letras, a tentativa de controle editorial pela parte de um autor, a relativa independência editorial com assunto direcionado ao universal, no qual se ressalta a ênfase nos conflitos dos homens vivendo na sociedade urbana e moderna, à moda ocidental. Em paralelo, os críticos e biógrafos machadianos têm reiterado à exaustão a genialidade individual do escritor e o valor de sua obra, mas é necessário ampliar a compreensão da formação de um campo literário no Brasil do XIX, inserido em um campo mundial (CASANOVA, 2002),

com seus múltiplos agentes, em suas ações por disputas de espaço em determinadas condições de ação ou graus de autonomização (BOURDIEU, 1992). No limite, uma renovação da compreensão dos “valores” da obra de Machado de Assis não pode se isentar do estudo da inserção do Brasil em um circuito internacional de práticas editoriais (CASANOVA, 1999 e 2002), assim como, já sabemos, um autor não se constrói sem todas as relações de continuidade e de tensão com agentes do mundo do livro e da materialização do texto em livro.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Luiza Helena Damiani de. *Machado de Assis em jornal e livro: os diferentes suportes e sentidos dos três contos de Papeis Avulsos publicados antes de Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH, Universidade de São Paulo – USP, 2019.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Ao acaso. *Diário do Rio de Janeiro*, 20 de junho de 1864. [Rodapé.] Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/364568_07/2420>. Acesso em: 5 ago. 2020.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas; Poesias completas; Ressurreição*. In: *Obra completa em quatro volumes*. 2. ed. Organização de Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahan. Rio de Janeiro: Aguilar, 2008.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, 5 tomos. Coordenação e orientação de Sérgio Paulo Rouanet; reunião, organização e comentários por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2008-2015.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Notícia atual da Literatura Brasileira. Instinto de nacionalidade. In: *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. Organização de Sílvia Azevedo, Adriana Dusilek e Daniela Mantarro Calipo. São Paulo: Editora da Unesp, 2013[1873], pp. 429-441.
- BORDIEU, Pierre. *Les Règles de l'art*. Genèse et structure du champ littéraire. Paris: Seuil, 1992.
- BRAYNER, Sônia (Org. e introd.). *O conto de Machado de Assis: antologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 12.
- CASANOVA, Pascale. *La Republique mondiale des lettres*. Paris: Seuil, 1999.
- CASANOVA, Pascale. Consécration et accumulation de Capital Littéraire. La Traduction comme échange inégal. *Actes de la Recherche en Science Sociales*, 2002/2004, n. 144, pp. 7-20.

- CATÁLOGO DA *Exposição Machado de Assis*. Centenário do nascimento de Machado de Assis, 1839-1939. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939 (Exposições II).
- GONÇALVES, Fabiana. *De poeta a editor de poesia. A trajetória de Machado de Assis para afirmação de suas Poesias completas*. São Paulo: Editora da Unesp/Cultura Acadêmica, 2015.
- GRANJA, Lúcia. Rio-Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira *chez* Garnier. *Letras (UFSM)*, v. 23, n. 47, 2013, pp. 81-95.
- GRANJA, Lúcia. Três é demais! (ou Por que Garnier não traduziu Machado de Assis?). *Machado de Assis em Linha*, v. 11, n. 25, 2018, pp. 18-32.
- GRANJA, Lúcia. Das revistas aos livros: Machado de Assis, Jules Verne e seus editores. *SOLetras*, n. 40, jul./dez. 2020a, pp. 373-387.
- GRANJA, Lúcia. Machado de Assis, relações com o mundo editorial? In: SARAIVA, Juracy Assman; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *Machado de Assis, intérprete da sociedade brasileira*. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020b, pp. 251-261.
- GRANJA, Lúcia. Machado de Assis, papéis editoriais: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: GRANJA, Lúcia; SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *Machado de Assis: o autor, o leitor, o crítico*. São Paulo: Alameda Editorial/Editora Nankin, 2023, pp. 103-127.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*. O romance machadiano e o público de literatura no século XIX. São Paulo: Nankin Editorial/Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Uma vocação em busca de línguas: as (não) traduções de Machado de Assis. In: GUERINI, Andreia; FREITAS, Luana; COSTA, Walter Carlos (Orgs.). *Machado de Assis, tradutor e traduzido*. Florianópolis: PGET/UFSC, 2012, pp. 35-43.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- NERY, Gabriela. As empresas jornalísticas nas bases da profissionalização dos trabalhadores da imprensa: repórteres e jornalistas na virada do século. S.d. (texto inédito).
- PASSOS, José Luiz. *Machado de Assis: o romance com pessoas*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2007.
- QUEIROZ, Juliana Maia de. Romances brasileiros em Portugal: a conexão das casas Chardron e Garnier. In: ABREU, Marcia (Org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, pp. 121-134.

SALLA, Thiago Mio; SALGADO, Lara Cammarota. Machado de Assis editor e suas páginas recolhidas. *Machado de Assis em Linha*, v. 13, n. 29, abril de 2020, pp. 13-32.

SANTIGO, Silvano. Jano, janeiro. Nota introdutória de John Gledson. *Teresa*, v. 6-7, 2005, pp. 429-452. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116635>>. Acesso em: 16 jan. 2023.

TEIXEIRA, Ivan. Machado de Assis e o costume retórico dos caracteres. *Revista IEB*, São Paulo, n. 50, set./mar. 2010a, pp. 67-148.

TEIXEIRA, Ivan. *O altar & o trono*. Dinâmica do poder em “O alienista”. São Paulo/Campinas: Ateliê Editorial/Editora da Unicamp, 2010b.

TELLES, Ana Carolina de Sá. *Personagens machadianas e suas constelações em Ressurreição, Helena e Dom Casmurro*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – FFLCH, Universidade de São Paulo (USP), 2018.

Arquivos e documentos referenciados

Catálogos de Garnier

BIBLIOTHEQUE NATIONALE de France, série 8^oQ10B. [Muitos deles já se encontram digitalizados junto ao material reunido pelos pesquisadores do Projeto Temático Fapesp, “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”.]

Contratos Machado de Assis/Garnier

CONTRATOS, RECIBOS e outros documentos da livraria e editora de Baptiste-Louis Garnier. Projeto Temático Fapesp “Caminhos do romance”. [O material em questão foi cedido pela Editora Itatiaia, que adquiriu os fundos da Editora de Baptiste-Louis Garnier.] Disponível em: <<http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=8&lang=pt>>. Acesso em: 6 jul. 2021.

CONTRATO CELEBRADO entre Joaquim Maria Machado de Assis e o editor B. L. Garnier para a 1. edição da obra *Helena do Vale* [Manuscrito]. 1876. Acervo digital da Biblioteca Nacional Brasileira. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss_I_07_09_004/mss_I_07_09_004.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2023.

Publicações periódicas

BIBLIOGRAPHIE DE la France. *Journal Général de l’Imprimerie et de la Librairie*, 2^a série, Tome XIII, 1869. “Bibliothèque de Recherche” de la Bibliothèque Nationale de France, “salle T”. Consultado em: janeiro de 2013, junho de 2018 e fevereiro de 2023.

JORNAL DO Commercio, “Anúncios”, Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1881, p. 6, col. 3.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/364568_07/2420>. Acesso em:
4 ago. 2021.

Recebido: 8/4/2023

Aceito: 18/4/2023

Publicado: 5/7/2023